

O PASQUIM

N.º 10, 25 A 32. N.º 50, 50 - N.º 27 - O DR. ROBERTO CAMPOS É TÃO SUBSERVIENTE QUE SÓ TAATA A GENERAL MOTORS DE MARSEHAL MOTORS (MILLOR).



MILLOR CONTRA AS MULHERES

MIL-LOR EM DOSE DUPLA

A VERDADE SOBRE TOPO-GIGIO

ZIRALDO

CHICO BUARQUE CONTA SEU CASO COM JOSEPHINE BAKER

OS LEITORES DO PASQUIM MANDANDO AQUELA BRASA: VEJAM AS CARTAS NAS PAGINAS 26 E 27

HENFIL!

TOP! TOP! TOP!

FREDERICO MARQUES: QUEM FOI O (*) DA (*) QUE MATOU SHARON TATE?

LOS PASQUINEROS
TARSO DE CASTRO
JAGUAR
SERGIO CABRAL

IVAN LESSA A NOSSA BONECA EM LONDRES

FLAVIO RANGEL: TARSO DE CASTRO - QUE GRANDE ARTISTA O MUNDO PERDEU

LEIAM O ARTIGO DO PAULO FRANCIS, O HOMEM QUE SABE DAS COISAS

AS DICAS

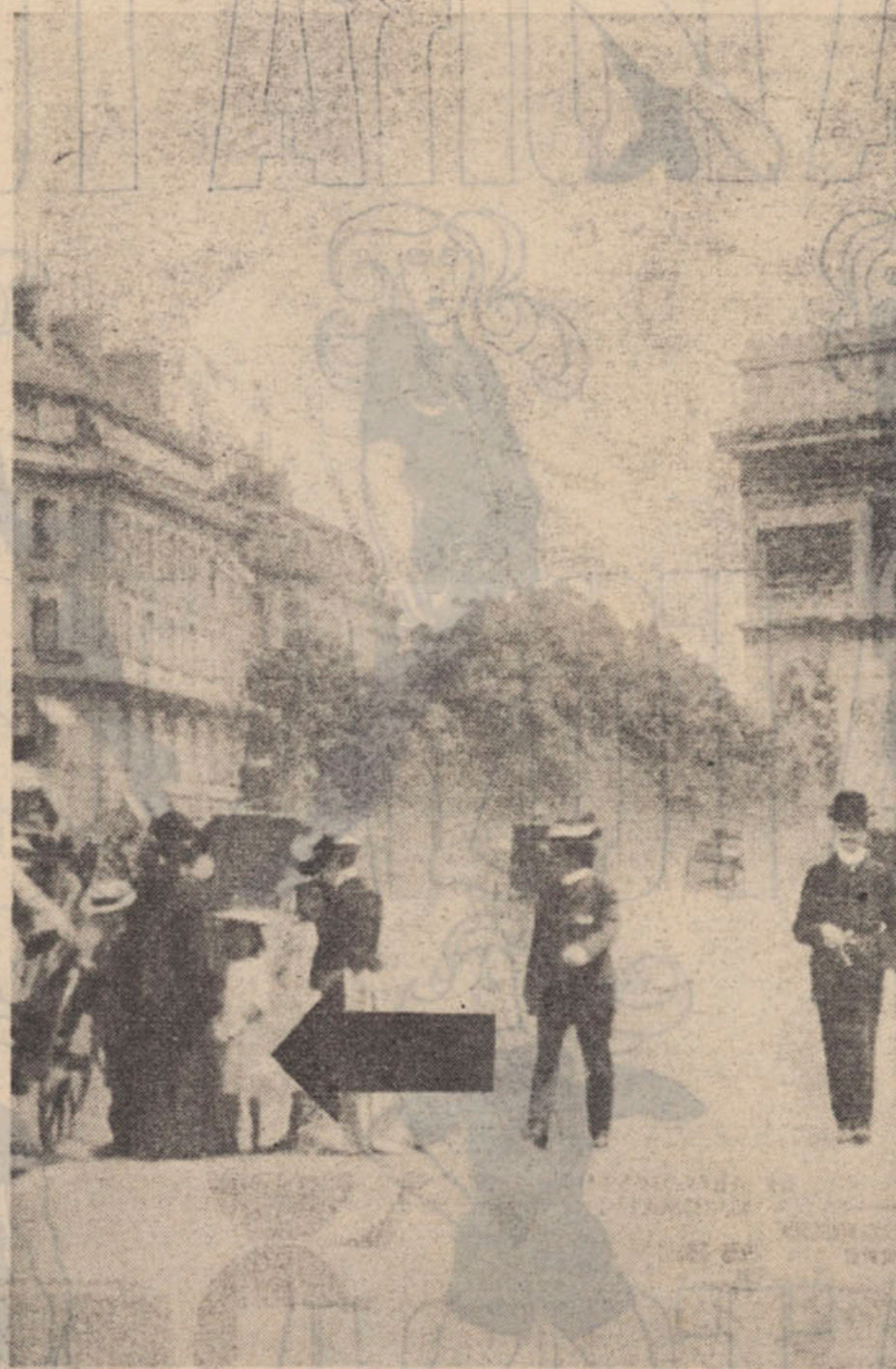
A PARTIR DESTE NUMERO DE NATAL O PASQUIM SERA DISTRIBUIDO DO OIAPOQUE AO CHU PELA DISTRIBUIDORA ABRIL LTDA. OBRIGADO, PAPI NOEL

2 DE SAMBA martinho e nelson cavaquinho

CHICO

É difícil voltar a O PASQUIM depois de tanta ausência, principalmente porque prometi, e vou ficar devendo, uma entrevista com Josephine Baker. Para quem não se lembra ou não era nascido, Josephine foi a bacana lá da Martinica, a tal que se vestia de banana nanica. Profetizou a minissaia, valorizou a pele mulata, espalhou o charleston, despertou paixões e escandalizou os puros. Pouco a pouco foi trocando o escândalo pela caridade pública, as bananas pelo vestido longo. Hoje, com 63 anos, volta ao palco porque não tem outros meios e precisa sustentar 14 filhos adotivos. Acompanhe-a, junto ao bravíssimo chitarrista brasileiro Toquinho, em seus 45 dias de *tournee* pela Itália. 45 vezes esperei a oportunidade de lhe falar d'O PASQUIM, do Sérgio Cabral que reclama e da leitora que me chama de relapso. Mas Josephine só dá entrevistas coletivas, sempre muito simpática, sempre muito profissional, sempre mãe adotiva de 14 crianças de tôdas as raças. Evidentemente não a impressionei, nem como repórter amador, muito menos como menino desamparado. Num desses coquetéis à imprensa cheguei até a posar ao lado dela para as fotografias. Dia seguinte comprei todos os jornais, mas só deu retrato de Josephine Baker, às vezes com um pedaço de bochecha minha. Sem fotos e sem entrevista, resta-me a lembrança de 45 espetáculos assistidos vagamente dos bastidores.

Josephine entra em cena pedindo desculpas, pois na sua idade não há pernas que agüentem um charleston. Aí ela dança um charleston. Hélas, mes amis, já não tenho



Josephine Baker passeando em Paris em 1908

pernas para a minissaia. Aí ela senta lá dum jeito que o público aplaude com entusiasmo os 63 anos sem varizes ou celulite. Segue uma bossanova francesa que não é boa não. Boa é a sua interpretação de "La vie en rose". Fala de Edith Piaf com muito carinho, muda para um pot-

pourri de boogie-woogies, desce à platéia e vai conversar com a primeira fila. Geralmente perco essa parte do show porque tem alguém que me procura no camarim. Chego lá, não paga dez, é brasileiro.

"Eu estava aqui passando e vi seu nome..."

Brasileiro e está sempre passando em qualquer fim-de-mundo. Feitas as confraternizações, pergunto como vão as coisas no Brasil e o brasileiro diz que vão mal, apesar da classificação nas eliminatórias para o México. No resto, diz ele que as coisas vão muito mal porque a televisão é aquela mesma coisa, os programas não mudam, só tem um agora que as pessoas ficam provocando até que Rio e São Paulo comecem a brigar. "Fora isso, Juca, muitas saudades de você, daquela sua música *A Praça*, minha filha sempre pergunta onde é que anda o Juca e tem meu filho que todo mundo acha que é a sua cara". Antes de se despedir, o brasileiro ainda me chama de Juca umas cinco vezes e diz que é meu muito admirador. Voltando ao show, encontro tudo mudado, a luz rôxa, a música solene e Josephine que dedica uma mensagem de paz à humanidade. Canta "Quand je pense a ça", e o ça que ela pensa são os pobres órfãos, as guerras, os preconceitos raciais, etc. Quando pensa nisso, dá-lhe uma espécie de tonteira e ela cai no chão com as mãos no rosto, a cortina sobe e desce, o público aplaude de pé e só então ela esquece os pobres órfãos, as guerras e os preconceitos raciais. Levanta-se e manda todo o mundo sorrir ao amor, sorrir à vida, sorrir ao próximo, *sourrir toujours sourrir*, encerrando o espetáculo com aquilo que o Ciro Monteiro costuma chamar hipotenusa final.

CHICO BUARQUE
DE HOLLANDA